

Boletim
Museu Histórico
de Londrina

14



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Boletim
Museu Histórico
de Londrina

14

Reitora

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão

Vice-reitor

Prof. Dr. Ludoviko Carnascialli dos Santos

Curadora do Museu

Profª Drª Regina Célia Alegro

Coordenação Geral

Profª Drª Regina Célia Alegro

Editores

Profª Drª Regina Célia Alegro
Rosângela Ricieri Haddad

Comissão Executiva

Barbara Daher Belinati
Célia Rodrigues de Oliveira
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Foto Capa

Maria Helena Okano

Fotos Contracapa

Wilson Grande
Rui Cabral - Acervo MHL
Amaury Ramos da Silva

Projeto Gráfico / Diagramação

Luana Bortoletto
Marcela Almeida Brasil
Petra Schauff Mendes

Fonte

Adobe Garamond Pro e Din

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina/Universidade Estadual de Londrina.
Museu Histórico de Londrina. - Londrina-PR: Universidade Estadual de
Londrina, v.1 n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina - História. 3. Universidade Estadual
de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

Realização

SUMÁRIO

Apresentação

Regina Célia Alegro.....05

1. Projeto

1.1. Potencialização do Centro de Memória e Cultura Kaingang.....06

2. Exposição

2.1. Exposição "Do quebra canela ao tubarão: memórias do futebol londrinense".....07

3. Artigo

3.1. Entre sambaquis, museus e memórias: um pouco da história da Arqueologia no Paraná
Leilane Patricia de Lima.....09

4. Entrevista

4.1. Helena Maria Okano.....40

5. ASAM

5.1. Decreto 8.124/13.....42

APRESENTAÇÃO

Esse Boletim é muito especial – traz um único artigo, longo o suficiente para apresentar uma notícia: recentemente foi reconduzido ao Museu Histórico de Londrina um mostruário de sambaqui cedido ao Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina (UEL) na década de 1990. O repatriamento do mostruário foi possível pela generosidade do professor Ângelo Spoladore e demais membros do Departamento. E, pelo empenho da pós-doutoranda em Museologia pelo MAE-USP, Leilane Patrícia de Lima. Como relata em seu artigo, “Entre sambaquis, museus e memórias: um pouco da história da Arqueologia no Paraná”, no desenvolvimento da sua pesquisa Lima se deparou com a peça alocada no Laboratório de Geociências e, em conversa com Spoladore, constatou o interesse do Departamento em devolvê-la ao Museu, pois destoava do restante da coleção ali mantida. Podemos considerar as peças e o seu repatriamento sob diferentes pontos de vista:

- a) Trata-se de um mostruário de vestígios arqueológicos de sambaquis do litoral paranaense, cuja entrada foi registrada no Museu Histórico de Londrina no ano de 1970. As peças foram cedidas pelo arqueólogo pioneiro José Wilson Rauth, da Faculdade de Filosofia de Paranaguá, ao professor Mário Borges Maciel, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FAFI) que antecede a UEL e depositadas no Museu Histórico em formação;
- b) As peças testemunham a relação entre os cursos de História e Geografia da antiga FAFI, a Faculdade de Filosofia de Paranaguá e o professor Rauth, motivada pelo interesse e investimento da FAFI em estudos arqueológicos. Rauth ministrou curso de extensão (cinco dias) para estudantes da FAFI e em 1969 ofereceu-lhes estágio em sítio arqueológico no litoral do Paraná. Dessa experiência participou a então estudante Helena Maria Okano, como podemos observar na seção “entrevista” desse Boletim;
- c) O processo formativo no curso de História na antiga FAFI e anos 70, na UEL, revela interesse pela Arqueologia no diálogo e colaboração mantidos com o Departamento de Antropologia da Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá. Infelizmente essa ênfase foi abandonada pelo curso;
- d) Essa coleção de peças arqueológicas e a sua vinda para Londrina insere-nos no contexto de surgimento do Museu Histórico de Londrina, as expectativas com a sua criação e a sua relação com o curso de História e Geografia da FAFI;
- e) Essa coleção também se relaciona ao desenvolvimento da arqueologia no Paraná, pioneira no cenário nacional, e às pesquisas arqueológicas em sítios paranaenses intensificadas na década de 1960. As peças e a cessão para o Museu Histórico de Londrina nos remetem a Rauth e aos contextos de pesquisa da época. Como afirma Lima, o Paraná foi um dos primeiros estados a oferecer cursos na esfera acadêmica para a formação de arqueólogos profissionais, foi pioneiro no estabelecimento de legislação preservacionista aplicada aos sítios arqueológicos.

Uma das riquezas do Museu Histórico de Londrina como museu universitário – creio, a maior – a que realmente lhe permite o significado que construiu ao longo do tempo, são as pessoas que atuam nesse espaço. O Museu é um lugar de encontros, de diálogo, de rememoração, de estudos. Assim, não apenas o valor intrínseco das peças que compõem o “sambaqui” e seu regresso à coleção do Museu é o foco desse Boletim 14, mas, também o registro da presença do pesquisadores e seus questionamentos, e da expectativa de futuro que representam.

Regina Célia Alegro
Museu Histórico de Londrina

1. PROJETO

1.1 Potencialização do Centro de Memória e Cultura Kaingang

Eduardo Tardeli de Jesus Andrade e Luis Henrique Miotto

Este projeto tem por objetivo a criação de um acervo digital Kaingang, disponibilizado ao público através de uma página na internet, nas línguas kaingang e português. A digitalização e disponibilização destes materiais, relativos às expressões culturais Kaingang, permite-lhes maior circulação, debate e conhecimento sobre sua própria cultura e história. O acesso, por parte dos não-índios tende a contribuir para o conhecimento, respeito e o combate a pré-conceitos relativos aos povos indígenas. Tal acervo virtual (exposto em página na internet) a ser constituído será formado a partir do acervo já disponível e em constante atualização do “Centro de Memória e Cultura Kaingang” (CMCK) localizado na Terra Indígena Apucarantina, nos limites do município de Tamarana e Londrina-PR. O CMCK é um espaço gerido pelos indígenas e que tem como objetivo realizar trabalhos de registros e edição audiovisuais sobre a memória da comunidade, além de organizar acervos de livros e documentos históricos sobre a cultura indígena. O projeto contará com o apoio e orientação dos técnicos do Museu Histórico de Londrina e de bolsistas, por meio de reuniões, oficinas, acompanhamento de trabalho, estágios e outras atividades que se fizerem necessárias, relativos à organização e cuidado com acervos de memória. Seus objetivos são assim sintetizados:

- Ampliar e melhorar a organização do acervo do Centro de Memória e Cultura Kaingang (CMCK).
- Promover visitas ao acervo do CMCK das escolas indígenas da TI Apucarantina e de outras TIs ao acervo, bem como de estudantes e educadores não-indígenas da região e pesquisadores.
- Criar uma página virtual bilíngue (português/kaingang) do Centro de Memória e Cultura Kaingang (CMCK) para disponibilizar o acervo audiovisual e imagético para pesquisadores não-índios e indígenas.
- Promover reuniões, estágios e oficinas mensais de capacitação dos gestores do CMCK, com o apoio da equipe de profissionais do Museu Histórico de Londrina (UEL).
- Promover visitas ao acervo do CMCK das Escolas indígenas da TI Apucarantina e de outras TIs ao acervo, bem como de estudantes e educadores não-indígenas da região e pesquisadores.

2. EXPOSIÇÃO

2.1. Exposição “Do quebra canela ao tubarão: memórias do futebol londrinense”

Oswaldo Fiorato Junior¹

A exposição é uma idealização de Miguel Antônio Ramos, um antigo praticante do futebol amador em Londrina e região. Um apaixonado pelo esporte, jogador assíduo nos finais de semana dos anos 60 e 70. Seu Miguel, como é conhecido, chega a afirmar que no seu tempo jogava-se “sábado de manhã, sábado de tarde, domingo de manhã, domingo de tarde, e ainda havia quem se dispunha a jogar partidas extras por outros times, quando ocorria ausência de um jogador, isso já no domingo ao entardecer”.

Personagem conhecida no meio futebolístico da cidade, Miguel atua como um “guardião da memória do futebol londrinense”. A história da exposição tem origem em um evento organizado já há 20 anos, o Encontro dos Boleiros. Reunião anual de antigos jogadores de futebol, sempre nos feriados de Corpus Christi, tornou-se tradição entre os boleiros. Orgulhoso, Miguel afirma ser, provavelmente, “o encontro mais democrático da cidade, pois ali se congregam elementos de todas as classes sociais, distribuídos entre profissões as mais variadas”.

O primeiro encontro é uma consequência da indignação deste senhor, ao se deparar com outros “boleiros das antigas” no velório de Zé Ferreira, companheiro dos tempos futebolísticos, citado como um sujeito “boa praça”. Indignação pertinente, geradora da compreensão de Miguel: “ora, é preciso que os boleiros se encontrem em vida, para momentos festivos, e não apenas em ocasiões fúnebres”.

Assim nasceu o Encontro dos Boleiros e trouxe consigo outro aspecto, o início da reunião de fotos antigas dos times que compuseram o cenário futebolístico da cidade. Em propósito de divulgação, Miguel começou a reunir as fotografias para o Jornal de Londrina, no qual seu amigo jornalista, Lélío Cesar, publicava as imagens. Desta iniciativa surgiram centenas de outras fotos, adquiridas por meio da colaboração voluntária dos boleiros e expostas continuamente nos encontros seguintes. Hoje, Miguel conta com aproximadamente 600 fotos, quase todas identificadas com os nomes dos atletas.

Aliado ao interesse de Miguel em expor seu acervo no Museu Histórico de Londrina, neste ano de 2016 é comemorado os 60 anos do Londrina Esporte Clube (LEC). Do interesse de ambas as partes, conjuntamente ao apoio do Museu, da UEL e do Encontro dos Boleiros, foi possível realizar esta exposição. Dividida entre o futebol amador dos primeiros tempos até os anos 70; o futebol de salão e suíço; e o futebol profissional, representado pelo LEC, a exposição comporta as três salas de mostra temporária. É composta por acervos da coleção particular de Miguel Ramos, peças do acervo do Museu Histórico, e ainda parte do acervo do Londrina Esporte Clube.

Trata-se de uma exposição inédita, voltada a apresentar uma perspectiva da história do futebol na cidade, tão praticado, porém, pouco estudado. Quando se trata de um esporte capaz de comoção nacional e impulsionador de paixões fervorosas, é admissível que o futebol tenha suas memórias resgatadas.

1 Graduação em História; Universidade Estadual de Londrina. osvaldofioratojr@gmail.com

Por meio da iniciativa de Miguel em dar evidência a seu acervo, está aberto um caminho de pesquisa disposto em fontes históricas de grande relevo para Londrina. Pois, uma das considerações obtidas através de todo o processo que culminou com a exposição, revela o quanto o futebol pode dizer sobre a cidade.

3. ARTIGO

3.1 Entre sambaquis, museus e memórias: um pouco da história da Arqueologia no Paraná

Leilane Patricia de Lima²

Resumo: Trata do repatriamento de um mostruário de vestígios arqueológicos de sambaquis do litoral paranaense, cedidas pelo arqueólogo José Wilson Rauth, da Faculdade de Filosofia de Paranaguá, ao professor Mário Borges Maciel, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI), que antecede a Universidade Estadual de Londrina, e depositadas no Museu Histórico de Londrina. A contextualização do mostruário se relaciona ao desenvolvimento da arqueologia no Paraná, pioneira no cenário nacional, e às pesquisas arqueológicas em sítios paranaenses intensificadas na década de 1960, e insere-nos na conjuntura de surgimento do Museu e da UEL.

Palavras-chave: arqueologia; Fafi; José Wilson Rauth; Sambaqui; Museu Histórico de Londrina

Introdução

A descoberta de um mostruário que continha vestígios arqueológicos de sítio tipo sambaqui procedentes do litoral paranaense e que estava guardado no laboratório do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina (UEL), motivou a elaboração deste artigo. A identificação deste objeto ocorreu durante uma visita técnica ao Museu de Geologia e Pedologia desta universidade, atividade realizada no âmbito da minha pesquisa de pós-doutoramento denominada “Os Museus de Arqueologia e a Arqueologia nos Museus: análise de exposições museais no oeste de São Paulo e norte do Paraná”³.

O Museu de Geologia e Pedologia da UEL foi fundado em 1993 e mantém sob sua guarda um expressivo acervo constituído por fósseis de plantas, de invertebrados e de vertebrados, amostras de minerais, rochas e solos, sendo estes exemplares das Ciências Naturais típicos do estado do Paraná e de outras regiões do Brasil.

Na ocasião da visita, conheci o professor Ângelo Spoladore, docente nas linhas de pesquisa de Geologia e Espeleologia, do Departamento de Geociências desta instituição universitária. Este professor, juntamente com Ferdinando Nesso da FUNAI, mantém uma coleção de peças arqueológicas, formada a partir de trocas realizadas entre eles e alguns moradores de comunidades rurais do norte do Paraná, durante vários anos em que pesquisaram cavernas de arenito na região. Parte desta coleção está em exposição no Museu e outra parte fica guardada em uma sala denominada “Mostruário Fixo de Rochas, Minerais e Fósseis”, que também funciona como laboratório do Departamento.

Entre as peças em exposição no Museu e as que estavam guardadas nesta sala, foi

2 Pós-doutoranda do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. E-mail: leilaneplima@gmail.com

3 Esta pesquisa está vinculada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob supervisão da professora Dr^a. Marília Xavier Cury.

possível encontrar pontas de flecha, boleadeiras, raspadores, talhadores, facas, buris, machados polidos, mãos de pilão, almofarizes, quebra-coco etc. Em outras palavras, uma rica coleção de vestígios arqueológicos que podem representar diferentes ocupações humanas ocorridas no território paranaense.

Em meio à coleção guardada na sala de Mostruário Fixo, vi uma caixa de madeira e vidro⁴ com uma velha legenda datilografada com os seguintes dizeres: “Sambaqui: nome dado a montes de conchas, restos de cozinha e esqueletos formados por tribos pré-históricas na costa ou em lagos ou em rios litorâneos. Procedência: sambaqui do litoral paranaense”. No interior desta caixa era possível notar vários tipos de ossos humanos, dois crânios, fragmentos de arcadas dentárias e algumas conchas, colocados sobre uma pequena quantidade de areia (Figura 1).

A identificação desta peça no laboratório de Geociências da UEL gerou uma série de questionamentos porque ela destoava do restante da coleção. A primeira coisa que pensei quando vi aquela caixa foi nas primeiras pesquisas arqueológicas realizadas no Paraná, no âmbito da universidade, entre os anos de 1950-1970, quando muitos sambaquis do litoral paranaense foram estudados⁵. Se este fosse de fato o contexto de procedência daquele material, restava tentar responder como ele chegou aquele Departamento.

Diante desse cenário, proponho tratar três questões diferentes neste texto, porém correlacionadas. Em uma delas, abordarei o contexto histórico da Arqueologia no Paraná. Pretendo, nesse sentido, apresentar informações sobre algumas instituições e pesquisadores que deram impulso e colaboraram para o pioneirismo do estado na proteção de sítios arqueológicos e na formação de arqueólogos profissionais na esfera da universidade.

A segunda questão refere-se ao contexto acadêmico vivenciado na cidade de Londrina durante a década de 1960, quando professores dos departamentos de História e de Geografia da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina, atentos ao desenvolvimento do ensino de Arqueologia na universidade e ao crescimento exponencial de pesquisas arqueológicas no estado do Paraná, se articularam, promoveram e apoiaram atividades de extensão que visaram o preparo e a formação de alunos para a realização de pesquisas arqueológicas no norte do estado.

A terceira questão, que tratarei simultaneamente à segunda, refere-se à trajetória dos vestígios arqueológicos que compõem o mostruário identificado no laboratório de Geociências da UEL. Buscarei recompor a história destes vestígios, não apenas, mas principalmente, quando assumiram o status “museal” (KOPYTOFF, 1986; GONÇALVES, 2007, p. 24). A partir da apresentação desta trajetória, evidenciarei em que medida este mostruário atendeu ou não as perspectivas institucionais dos museus onde esteve, ou seja, como foi valorizado, desprezado, não utilizado e, até mesmo, devolvido durante esta trajetória.

.....
4 As dimensões deste mostruário são: 1 metro e 65 centímetros de comprimento, 45 centímetros de altura e 40 centímetros de largura.

5 Sambaquis são moradas temporárias constituídas por grupos de pescadores e coletores que ocuparam uma extensa faixa entre o mar e a Serra do Mar, do Rio Grande do Sul à Bahia. Mais detalhes sobre os sambaquis do litoral do Paraná consultar POMPEU, 2015; PARELLADA, 2006, p. 30-33.



Figura 1 – Mostruário com vestígios arqueológicos – proveniência: litoral do Paraná

Um pouco da história das pesquisas arqueológicas no Paraná: do colecionismo à formação de arqueólogos profissionais

Ao pensar sobre alguns aspectos históricos da pesquisa arqueológica no Paraná é possível fazer alguns apontamentos (LIMA, 2014, p. 81):

- Estudos arqueológicos demonstraram que toda a região Sul, inclusive o Paraná, foi ocupada, sistemática ou ocasionalmente, por diferentes populações indígenas em momentos distintos e em todos os seus espaços e este estado teve um papel significativo na história da Arqueologia Brasileira, apesar da centralização destas pesquisas em poucas instituições (NOELLI, 1999-2000, p. 226, 229);
- No estado do Paraná as primeiras coleções arqueológicas foram formadas por amadores, especialmente no século XIX⁶;
- Este estado foi pioneiro no estabelecimento de legislação preservacionista aplicada aos sítios arqueológicos, sobretudo os do tipo sambaqui;
- Foi um dos primeiros estados a oferecer cursos na esfera acadêmica para a formação de arqueólogos profissionais e
- Foi pioneiro no desenvolvimento de pesquisas arqueológicas de contrato no país.

Segundo Oliveira (2002, p. 29), cinco instituições estiveram vinculadas à pesquisa

.....
6 Os mais antigos acervos arqueológicos conhecidos no Paraná, do século XIX, foram formados por Telemaco Borba e Juan Ambrosetti. O primeiro guardado na cidade de Tibagi, no Paraná, e o segundo no Museo de La Plata, na Argentina. Sobre a formação de ambos os acervos consultar Ceccon, 2011, p. 10-20.

arqueológica. São elas: o Museu Paranaense, o Instituto de Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, o Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá e o Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá.

A primeira delas, Museu Paranaense, foi fundada pelo advogado Agostinho Ermelino de Leão e pelo médico José Cândido da Silva Muricy, no ano de 1876, como uma instituição particular cujo objetivo era ser um museu agrícola. Entretanto, ainda no século XIX, manifestou vocação para tornar-se uma instituição de história natural e também o interesse em formar coleções arqueológicas e estudar grupos indígenas, numa perspectiva racial⁷, especialmente por causa dos trabalhos de amadores (OLIVEIRA, 2002, p. 30-31).

No ano de 1882, esta instituição colaborou com a “Exposição Antropológica Brasileira”⁸, destinando-lhe material arqueológico e etnográfico. O conjunto de material arqueológico concedido era composto por esqueletos, peças líticas procedentes de sambaquis, objetos de cerâmica e madeira advindos das missões e aldeamentos indígenas. A partir desse momento, as coletas feitas por amadores e a exposição de materiais arqueológicos inseriram o Museu Paranaense em uma nova perspectiva, cujas preocupações eram aumentar o acervo, selecionar os materiais e organizar as coleções (OLIVEIRA, 2002, p. 31-32).

Em geral, ao longo de sua trajetória histórica, o Museu Paranaense apresentou um conjunto de importantes investigadores de sítios arqueológicos no Paraná. Entre os chamados amadores e profissionais – do final do século XIX e século XX, esta instituição contou com a colaboração e as pesquisas de Agostinho Ermelino de Leão (1876-1901), Ermelino Agostinho de Leão (1901-1902), Alfredo Romário Martins (1902-1928), José Loureiro Fernandes (1936-1946), Oldemar Blasi (1967-1983) e Cláudia Inês Parellada (1984) (OLIVEIRA, 2002, p. 30)⁹.

Em particular, depois de uma fase de abandono, em 1936 o médico e antropólogo José Loureiro Fernandes¹⁰ foi nomeado diretor da instituição. Este professor reorganizou o Museu, dividindo-o em seções que ficaram a cargo de especialistas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCL), fundada em 1938 (OLIVEIRA, 2002, p. 33).

7 Sobre o assunto consultar Schwarcz, 2005, p. 113-136.

8 Segundo Bruno (1999, p. 97), a “Exposição Antropológica Brasileira” foi organizada no Rio de Janeiro, em 1882, e reservou um considerável espaço para apresentação de objetos arqueológicos.

9 Sobre as publicações destes pesquisadores consultar Oliveira, 2002, p. 34-41.

10 Nas palavras de Maranhão (2006, p. 13), “José Loureiro de Ascensão Fernandes nasceu em Lisboa em 1903. Formou-se em medicina pela Faculdade Nacional do RJ em 1927. Especializou-se nas áreas de urologia, arqueologia e antropologia na Universidade de Paris, na década de 1950. Exerceu atividades como médico, político, cientista social e professor universitário. Foi eleito vereador por Curitiba em 1948, e nomeado secretário de Educação e Cultura do Estado do Paraná no mesmo ano. Nesta pasta, criou a Divisão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Paraná, dedicando-se ao tombamento e preservação de sítios arqueológicos e do patrimônio histórico do Estado. Foi diretor do Museu Paranaense (1936-43 e 1945-46) e chefe da Seção de Antropologia e Etnografia, onde iniciou pesquisas científicas nas áreas de antropologia e arqueologia. Em 1938 foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) da Universidade do Paraná. Ministrou aulas de Antropologia, Etnografia Geral e do Brasil na FFCL e, posteriormente também na Universidade Católica do Paraná (atual PUC). Na FFCL da UFPR, foi diretor e responsável pelo projeto de criação e instalação do Instituto de Pesquisas (1950), do Departamento de Antropologia (1958) e do Museu de Arqueologia e Artes Populares (1963). Foi membro de diversas instituições culturais como, o Círculo de Estudos Bandeirantes (PUC-PR), Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense e Academia Paranaense de Letras. Faleceu em Curitiba em 1977”.

Estes especialistas foram nomeados três anos depois deste professor ter assumido a direção da instituição. Foram eles: História - Dr. Arthur Martins Franco, Botânica - Dr. Antônio Martins Franco, Geologia e Paleontologia - Dr. Francisco de Assis Fonseca, Zoologia - Padre Jesus Moure e Antropologia e Etnografia - o próprio José Loureiro Fernandes. Posteriormente, participaram das Seções de Botânica e História, Carlos Stellfeld e Júlio Moreira (MARANHÃO, 2006, p. 16).

No entanto, a atuação de José Loureiro Fernandes não foi reduzida apenas ao Museu Paranaense. Por um período, além de diretor, foi também professor dos cursos de Ciências Sociais, História e Geografia na FFCL. Nesta instituição lecionou as cadeiras de Antropologia, Etnografia Geral e Etnografia do Brasil. Suas aulas ficaram marcadas pelas idas a campo¹¹ e também por transformar os laboratórios do Museu Paranaense em extensões da faculdade (MARANHÃO, 2006, p. 24-25).

Ademais, este professor atuou em mais frentes e criou outras instituições dedicadas à proteção de sítios e à pesquisa arqueológica no Paraná. Seus esforços levaram, no final da década de 1940, à criação da Divisão de Patrimônio Histórico e Cultural, ligada à Secretaria de Educação e Cultura do estado do Paraná e, por consequência, à promulgação do Decreto nº 1.436, de 30 de maio de 1951¹², que reservou para fins de pesquisa científica os sambaquis existentes no litoral paranaense, ameaçados por contínuos episódios de destruição (FERNANDES, 2007, p. 36).

Sobre a promulgação deste decreto, o professor Oldemar Blasi se lembrou de uma tarde em que Loureiro Fernandes adentrou as dependências do Departamento de Cultura e disse ao seu então diretor, professor Fernando Corrêa de Azevedo, que era preciso providenciar um decreto estadual cujo intuito seria proteger os sambaquis, que estavam sendo destruídos aceleradamente. No mesmo instante, o texto foi redigido e, logo depois, assinado pelo então governador do estado, Bento Munhoz da Rocha Neto. Embora este decreto tenha sido um dos primeiros atos publicados no Brasil que protegia¹³ e reservava para fins científicos sítios arqueológicos, ele foi obsoleto na medida em que indicou o acompanhamento do desmonte por arqueólogos profissionais, algo que o estado ainda não tinha em seu quadro de funcionários (BLASI, 2005, p. 38).

Ainda no início da década de 1950, Loureiro Fernandes, unido aos professores universitários e ao Museu Paranaense, fundou o Instituto de Pesquisas na FFCL para

.....
11 Na época em que era diretor do Museu, Loureiro Fernandes já realizava excursões e visitava sítios arqueológicos. Entre suas atividades, visitou sambaquis no litoral e percorreu as ruínas de Cidade Real de Guairá, no planalto, em 1948. Seus documentos de campo indicaram que, entre 1946 e 1947, estudou o sambaqui de Matinhos, ao norte da Baía de Guaratuba. Durante este período, coletou peças em meio às conchas deslocadas por moradores locais e pela abertura de uma estrada. Mais sobre o assunto consultar Ceccon, 2011, p. 35-40 e Bigarella, 2005, p. 19-30.

12 Este decreto foi publicado uma década antes da primeira lei federal de proteção do patrimônio arqueológico, de número 3.924/61. Sobre o assunto consultar Lima, 2014, p. 45-52.

13 A primeira lei estadual, 33/48, foi elaborada por um grupo formado, sobretudo, por professores universitários. Entre eles estava José Loureiro Fernandes. O ato determinou a proteção oficial dos remanescentes dos antigos assentamentos urbanos da Província do Guairá, tanto as vilas espanholas quanto as reduções jesuíticas (BLASI, 2007, p. 58).

estimular mais a pesquisa acadêmica no meio universitário. Nesse sentido, entre 1952 e 1960, o Museu Paranaense permaneceu sob o comando do Instituto de Pesquisas, o que contribuiu para que a pesquisa arqueológica saísse do escopo do Museu e fosse para a Universidade.

Vale dizer que no ano de 1951, foi promovida a primeira escavação de sítio arqueológico no planalto paranaense. O sítio pesquisado foi Estirão Comprido, localizado às margens do rio Ivaí. No ano seguinte, Loureiro Fernandes contratou um casal de arqueólogos iugoslavos, Adam Orsich e Elfriede Stadler, para escavarem o sambaqui Araújo II, em Guaratuba. Esse contexto inicial de pesquisas, acompanhado por outros pesquisadores e estudantes brasileiros, colaborou para o início da formação de arqueólogos na Universidade Federal do Paraná, sendo este o projeto mais significativo para José Loureiro Fernandes (CHMYZ, 2007, p. 12).

No ano de 1954, foi fundada a Seção de Arqueologia no Instituto de Pesquisas, também por José Loureiro Fernandes, uma vez que as pesquisas arqueológicas prosseguiram. Para assumir a chefia e a coordenação das escavações programadas, foi convidado o professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Fernando Altenfelder Silva que, em companhia de outros pesquisadores, deu continuidade às escavações no sítio Estirão Comprido (CECCON, 2011, p. 42).

O estímulo à pesquisa acadêmica no meio universitário promovido a partir das iniciativas de José Loureiro Fernandes colaborou para a criação do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA¹⁴), no ano de 1956, por meio da portaria 898, assinada pelo então Reitor Flávio Suplicy de Lacerda. Este centro estava filiado ao Instituto de Pesquisas e seus objetivos eram a formação de arqueólogos e a execução de pesquisas de campo e laboratório. Cabe dizer que ao ser criado, o CEPA não possuía instalações próprias e as atividades administrativas e de laboratório ocorriam em espaços separados, no Círculo de Estudos Bandeirantes e no Museu Paranaense respectivamente (CHMYZ, 2007, p. 1-5).

Segundo Chmyz (2007, p. 13), a sua fundação contou com o respaldo da Universidade do Paraná e do CNPq, e com o apoio da CAPES. No ano seguinte, foi realizada a primeira reunião do Conselho Técnico-Administrativo do Centro. Neste encontro estiveram presentes José Loureiro Fernandes, eleito diretor, Fernando Altenfelder Silva, Luis de Castro Faria, do Museu Nacional, e Paulo Duarte, intelectual e político do estado de São Paulo¹⁵. Na ocasião foram resolvidos os detalhes do Curso de Arqueologia Pré-Histórica, que seria ministrado pelo casal de pesquisadores franceses Annette Laming Emperaire e José Emperaire, e também foram escolhidos os

.....
14 Em 1985, o CEPA passou a se denominar Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas mantendo a mesma sigla (OLIVEIRA, 2002, p. 44).

15 Paulo Duarte criou uma Comissão de Pré-História, em 1952, cujas duas funções principais eram a proteção e o interesse científico dos sambaquis. Ele foi incentivado pelo seu amigo Paul Rivet, diretor do Musée de l'Homme, de Paris. Em 1959, fundou o Instituto de Pré-História em São Paulo.

sítios arqueológicos para as aulas práticas, os sambaquis da Ilha dos Ratos e Caraguacu e sítio José Vieira.

Nos anos seguintes, outros cursos mais específicos foram oferecidos¹⁶. Em geral, entre 1958 e 1962, foram ofertados cursos sobre Fundamentos da Arqueologia, Introdução a Pré-História da América, Teoria e Método em Arqueologia, Arqueologia Pré-Histórica, Ciências Correlatas com a Arqueologia, Tópicos relacionados à Arqueologia, Intensivo de Arqueologia Pré-Histórica, tendo como professores ministrantes: Oldemar Blasi, Wesley Hurt, Luis de Castro Faria, João José Bigarella¹⁷, Fernando Altenfelder Silva, Peter Paul Hilbert e Annette Laming Emperaire (OLIVEIRA, 2002, p. 44; CHMYZ, 2007, p. 14).

A oferta de diferentes cursos no CEPA proporcionou a contratação de pesquisadores estrangeiros e ampliou as possibilidades de especialização em Arqueologia (ALVES, LUNA e NASCIMENTO, 1991, p. 17). Assim, o centro cumpria sua vocação didática e colaborava para estabelecer o destaque do estado no ensino acadêmico nesta área.

A atuação do CEPA direcionou-se, a partir de 1964 especialmente, à prática de salvamento arqueológico em áreas impactadas por empreendimentos hidrelétricos no Paraná e em outros estados. Estes trabalhos contaram com a participação de alunos da disciplina de Arqueologia Pré-Histórica (CHMYZ, 2007, p. 14). Nesse contexto, ainda no ano de 1964, o centro ofertou cursos e seminários para pessoas com alguma experiência arqueológica com o objetivo de consolidar conhecimentos teóricos e prática de pesquisa.

Dessa forma, foi realizado o “Seminário de Ensino e Pesquisa em Sítios Cerâmicos”, em Curitiba e Paranaguá. A orientação foi dada pelos arqueólogos norte-americanos Clifford Evans e Betty Meggers e contou com a participação de 11 brasileiros (OLIVEIRA, 2002, p. 45). O objetivo deste curso foi a criação de uma terminologia uniforme para a cerâmica. A estada do grupo em Paranaguá ocorreu no Museu de Arqueologia e Artes Populares, onde havia um amplo espaço para a classificação e análise de cerâmica, cedida por Igor Chmyz, proveniente de pesquisa no vale do rio Paranapanema (MEGGERS, 2007, p. 34).

Desta atuação do casal americano resultou o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), aprovado pelo IPHAN e desenvolvido entre os anos de 1965-1970. Este programa começou como uma colaboração entre o Smithsonian Institution, que subsidiou a pesquisa de campo, o CNPq – representado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, que subsidiou as publicações, e cada instituição participante, que pagou os salários e concedeu os laboratórios (MEGGERS, 2007, p. 34).

16 Para saber mais sobre as correspondências trocadas entre José Loureiro Fernandes e vários pesquisadores estrangeiros que ofereceram cursos de formação em Arqueologia no Paraná consultar CECCON, 2011, p. 84-127.

17 João José Bigarella, sua esposa, Iris Bigarella, e Guilherme Tiburtius ofereceram expressivas contribuições para a pesquisa arqueológica no estado. Sobre o assunto consultar Tamanini, 1998, p. 184.

Para um bom desempenho do programa foram realizados encontros entre os participantes, a cada dois anos. O primeiro aconteceu durante o 37º Congresso Internacional de Americanistas, em Mar Del Plata, Argentina, no ano de 1966. O segundo, no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, 1968. A terceira reunião foi em Lima, no Peru, durante o 39º Congresso Internacional de Americanistas (1970) e o encontro final ocorreu no Instituto Smithsonian, em Washington D.C., em 1973 (MEGGERS, 2007, p. 37-41).

As ações do PRONAPA tiveram como principais representantes regionais os pesquisadores Igor Chmyz, que mapeou e realizou pesquisas em sítios por todo o estado, e José Wilson Rauth, que concentrou suas pesquisas nos sambaquis do litoral paraense. Como um dos resultados, foram identificados mais de 280 sítios nas ações deste programa (OLIVEIRA, 2002, p. 62).

Em 1966, Loureiro Fernandes afastou-se do Centro de Ensino para se dedicar ao Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, hoje Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da UFPR, assumindo seu lugar o professor Igor Chmyz.

No que diz respeito a esta instituição museal, foi o primeiro museu universitário do Paraná, fundado no ano de 1963, também pelo professor José Loureiro Fernandes, que ficou motivado com o grande avanço das pesquisas arqueológicas no estado e encontrou problemas por conta do aumento das coleções e do acondicionamento dos acervos gerados. Nesse sentido, o objetivo primordial do Museu na época foi receber o material arqueológico coletado durante as pesquisas, que antes era guardado no Museu Paraense.

Conforme Oliveira (2002, p. 53), o professor Loureiro Fernandes ficou à frente da instituição até 1972 e lá se preocupou em programar exposições para o público que revelassem discussões de caráter tecnológico e funcional dos objetos. Entre 1972 a 1985, numa tentativa de transformar o Museu em um centro de pesquisa, a UFPR uniu o CEPA e o Museu, mas mesmo com essa incorporação o primeiro não foi desativado. Por conta dessa união, algumas pesquisas realizadas por pesquisadores do CEPA foram atribuídas ao Museu. Nesse contexto, ganhou destaque a dedicação de José Wilson Rauth aos sambaquis do litoral paraense.

Finalmente, vale dizer que nesse período também foram realizados alguns dos primeiros trabalhos de Arqueologia de Contrato no Brasil, como é o caso das pesquisas coordenadas por Igor Chmyz nas Usinas Hidrelétricas (UHE's) de Salto Grande e Chavantes, ambas no Rio Paranapanema (1965-1968), e na parte brasileira da Usina Hidrelétrica de Itaipu (1975-1983) (MONTICELLI, 2005, p. 229).

Em síntese, a história da Arqueologia no Paraná – entre o final do século XIX até a década de 1970, percorreu o colecionismo, o universo museal, o contexto acadêmico, com a oferta de cursos específicos de extensão universitária, e os pioneiros trabalhos no âmbito da Arqueologia de Contrato e teve como um dos seus principais expoentes José Loureiro Fernandes. Do conjunto de informações apresentadas, é possível perceber o protagonismo do estado, no que se refere às ações em prol da formação de profissionais, pesquisa e proteção do patrimônio arqueológico brasileiro.

Parto agora para o segundo e o terceiro assuntos propostos, que serão tratados de maneira simultânea. Nesse sentido, apresentarei uma síntese sobre a formação do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss e suas perspectivas institucionais ao longo do tempo, o diálogo entre os professores dos Departamentos de História e Geografia da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina com o professor José Wilson Rauth do Departamento de Antropologia da Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá e seus desdobramentos.

De volta ao Museu de Geologia e Pedologia da UEL

Consegui a primeira pista a respeito do mostruário durante a conversa com o professor Ângelo Spoladore. Na oportunidade, ele revelou que a peça havia sido doada pelo Museu Histórico de Londrina (MHL), no final da década de 1990. Então, busquei junto ao setor de Documentação desta instituição informações a respeito.

De fato, um ofício datado de 1998, assinado pela então Diretora Conceição Geraldo e endereçado ao professor Airton Nosawa, do Departamento de Geociências da UEL (OF.M. n.º 22/98), comprovou esta informação¹⁸.

O conteúdo do documento revelou que a doação do mostruário que continha vestígios de sítio tipo sambaqui do litoral paranaense ocorreu durante a transferência de uma coleção de fragmentos de rochas e fósseis do acervo do MHL, algo que já havia sido combinado pessoalmente entre as partes. Na ocasião, foram doados ao setor de Geociências exemplares de peixes fossilizados, cristais de rocha, fragmentos de granito e de madeira fossilizados, ossos fossilizados de baleia, vários fragmentos de xisto, coral e conchas etc., e “restos humanos e outros sambaquis”, com a certeza de que todo este material teria grande utilidade nas atividades acadêmicas promovidas pelo Departamento que o receberia.

Cabe destacar que o Museu de Geologia e Pedologia é um museu universitário e, desde sua formação, manteve a vocação para o trabalho com acervos geológicos e pedológicos. Seus objetivos revelam que esta instituição pretende ser um laboratório de aulas práticas para as disciplinas relacionadas às Geociências, oferecer amostras para pesquisas científicas desenvolvidas por alunos e professores e atender ao público visitante, alunos das escolas locais e comunidade externa. Diante desta perspectiva institucional, o mostruário com os ossos humanos e conchas foi guardado na sala com amostras de rochas e fósseis, ficou em desuso e não fez parte de atividades acadêmicas e expositivas.

A doação desta peça junto a uma coleção de minerais e fósseis pode sugerir duas questões interessantes. A primeira delas refere-se ao olhar naturalista para os bens arqueológicos, ao ponto de associá-los a objetos que têm origem natural, algo comum desde a formação

.....

18 As peças foram doadas para compor o acervo do Museu de Geologia e Pedologia. Na ocasião, foram recebidas pelo professor Ângelo Spoladore.

das primeiras instituições museais no Brasil e que rendeu um papel coadjuvante às coleções museológicas referentes ao passado pré-colonial (BRUNO, 1999, p. 101).

A segunda questão revela que este olhar não era ingênuo porque era evidente um desinteresse do Museu Histórico nas questões indígenas, sobretudo pré-coloniais, sendo mais útil naquele momento a associação destes vestígios à coleção de Ciências Naturais. Algo que pode ajudar a comprovar isso é a própria perspectiva institucional do MHL na década de 1990, que tratarei a seguir.

O Museu Histórico de Londrina: breve histórico de formação e perspectivas institucionais

Para falar sobre a história da constituição do Museu Histórico¹⁹ é preciso retomar a década de 1960, quando as ideias iniciais de formação de uma instituição museal surgiram durante as reuniões de professores do Departamento de História da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (FAFI), cujas atividades iniciaram no ano de 1958.

A partir da ação de alguns estudantes e professores da Faculdade, o interesse em ter um espaço de salvaguarda e exposição do patrimônio local foi acentuado. Com o apoio e coordenação do professor Padre Carlos Weiss, eleito diretor do Museu em maio de 1970, e de outros docentes da área de História, foi inaugurado em 18 de setembro deste mesmo ano o Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná, também conhecido como Museu do Café do Paraná, vinculado aos cursos de Geografia e História (HILDEBRANDO, 2010, p. 39). Na época, o espaço ocupado pelo museu era duas salas do porão do Colégio Hugo Simas, na região central de Londrina.

Para a constituição do acervo, houve um esforço coletivo em arrecadar e depois comprar “objetos-testemunhos” que estivessem relacionados à constituição da cidade, ainda muito nova. Entretanto, as referências não se limitaram à história local e regional e muitas peças foram adquiridas pelo professor Padre Carlos Weiss em viagens ao nordeste e outras regiões do Brasil (HILDEBRANDO, 2010, p. 42). Nesse início, as condições eram precárias pela localização: o porão de uma escola. O espaço reservado para o Museu era bem pequeno e não havia sala específica para reserva técnica. Por conta disso e pelo desejo prioritário de catalogar as peças, o Museu não era totalmente aberto para visitas (LEME, 2013, p. 130).

Em 1974, tornou-se órgão suplementar da recém-criada UEL. Após o falecimento do professor Padre Carlos Weiss, em 1976, assumiu a direção a professora Conceição Aparecida Duarte Geraldo, que permaneceu no cargo até março de 1979. Em sua gestão, o Museu recebeu o nome de seu fundador, Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss (HILDEBRANDO, 2010, p. 44).

Ainda na década de 1970, por causa das condições precárias do espaço, a direção do Museu procurou uma nova sede para abrigar a instituição. Com a notícia da mudança do leito ferroviário, que cortava ao meio a cidade, e a consequente desativação da sua estação ferroviária, a direção formalizou junto à Prefeitura o interesse em levar

.....
19 Discussão mais ampla pode ser encontrada em LIMA, 2014, p. 77-96.

a sede do Museu para esse edifício histórico, datado de 1952.

Em 1979, assumiu o novo diretor do Museu, o professor Olímpio Luiz Westphalen que ficou à frente da instituição por quinze anos. Este diretor manteve a mesma perspectiva dos anteriores, a de priorizar o enaltecimento aos pioneiros e à Companhia Colonizadora dentro do processo de colonização de Londrina e região norte do Paraná (LEME, 2013, p. 141). Em sua gestão, o Museu conseguiu um feito importante: passou a ocupar em 1986 o prédio da antiga estação ferroviária de Londrina.

Em 1994, reassumiu a direção da instituição museal a professora Conceição Geraldo e ali ficou até junho de 2002 (LEME, 2013, p. 137). Quando retornou à gestão na década de 1990, diante das dificuldades com a falta de pessoal e de recursos financeiros, esta diretora ajudou a fundar a ASAM (Associação dos Amigos do Museu), que teve papel fundamental na revitalização e reforma do prédio do Museu.

O projeto de revitalização da instituição, denominado “Memória Viva”, ocorreu entre os anos de 1996-2000, com a consultoria da professora Maria Cristina de Oliveira Bruno, do MAE-USP, que assinou o projeto museológico, e contou com o apoio de outros técnicos. Neste projeto todo o prédio foi reestruturado: seus espaços internos foram alterados, novos mobiliários foram adquiridos, os espaços externos receberam grades e foram revitalizados com a formação de um jardim e a construção de um galpão rural. Mesmo com a revitalização, a narrativa tradicional da cidade foi mantida (LEME, 2013, p. 146).

O despacho do mostruário com material arqueológico junto ao acervo de história natural ocorreu em 1998, no período do projeto “Memória Viva” (OF.M.nº 22/98), quando já era evidente que o desejo dos profissionais do Museu era continuar a priorizar a temática dos pioneiros e da Companhia Colonizadora, a partir de uma narrativa cronológica. No entanto, não foi todo o acervo arqueológico que foi doado: uma pequena parte encontra-se exposta no setor de Exposição de Longa Duração e a outra permaneceu na reserva técnica da instituição, sendo a maioria proveniente de doações da própria comunidade.

Mesmo mantendo parte dos vestígios arqueológicos na instituição, parece que não havia interesse em debater questões indígenas. Testemunhos orais sobre a constituição da exposição de longa duração e a postura institucional defendida naquela época ajudam a evidenciar esta perspectiva.

Em depoimento ao pesquisador Edson Holtz Leme, a museóloga Maria Cristina Bruno relatou que a antessala expositiva “Prefácio”, pequeno espaço que apresenta ao público algumas peças arqueológicas, foi uma vitória sem precedentes, fruto de um embate pessoal entre ela e os profissionais do Museu, que diziam que não existia ocupação indígena ali, sendo esta versão defendida pela diretoria, pelos membros da ASAM e por suas famílias, uma vez que, quando chegaram à região, o processo de “limpeza de área” já havia sido promovido pela Companhia Colonizadora (LEME, 2013, p. 232).

Também em depoimento a este pesquisador, a professora Kimiye Tommasino relatou que, em 1997, um ano antes da doação do mostruário, consultou a diretoria da

instituição sobre a possibilidade de ceder um espaço para alojar objetos indígenas do norte do Paraná que eram coletados por uma equipe de pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá (UEM), nas áreas de Etnoarqueologia, Etnologia e Etno-história. Em suas palavras, “(...) A reunião deve ter durado menos de 5 minutos: a diretora disse-me que o Museu não tinha interesse. Acabou-se a reunião” (Apud LEME, 2013, p. 233).

Diante desse contexto, é possível notar que um ponto da trajetória deste mostruário havia sido elucidado: ele fora doado pelo Museu Histórico de Londrina em um período de reforma física e institucional, onde o principal objetivo era narrar à população as estruturas fundadoras da historicidade da cidade, a partir do conceito de trabalho, mostrando os valores de uma sociedade trabalhadora, lutadora e de garra. Esse projeto expográfico está distribuído em uma antessala e três galerias, sendo que estas últimas destacam o empreendimento da colonização, a emancipação de Londrina e a explosão econômica originada pelo cultivo do café e outros produtos (HILDEBRANDO, 2010, p. 51).

Mesmo que a temática indígena não fosse objetivo da instituição na década de 1990, o MHL tinha demonstrado interesse nesta categoria de objetos arqueológicos porque havia recebido em algum momento de sua constituição os vestígios de sítio tipo sambaqui. O próximo passo era saber quando e como isso tinha acontecido. Nesse sentido, voltei à década de 1960, aos Departamentos de História e de Geografia da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (conhecida como FAFI e/ou FAFILO).

O “diálogo arqueológico” entre duas Faculdades – Londrina e Paranaguá

Para elucidar a trajetória dos vestígios arqueológicos que compõem o mostruário, tive que sair do contexto do Museu Histórico de Londrina e ampliar minha pesquisa para os Departamentos de História e de Geografia da antiga FAFI, na década de 1960, antes da inauguração do MHL.

Com o que restou da documentação institucional desta época, foi possível perceber que três professores tinham interesse bastante particular no ensino acadêmico de Arqueologia em Londrina. Foram eles: Yoshiya Nakagawara, do Departamento de Geografia, Padre Carlos Weiss, do Departamento de História e Mário Borges Maciel, de ambos os departamentos. Cabe dizer que a primeira lecionou a disciplina de Geografia Humana, o segundo, História Antiga e o terceiro, Antropologia Cultural.

Os diários de classe destes dois últimos professores permitiu verificar que as pesquisas arqueológicas nas sociedades clássicas era tema de aula e de conferência proferida pelo professor Padre Carlos Weiss e “os primitivos e as civilizações” era assunto tratado de forma recorrente na disciplina de Mário Borges Maciel.

Enquanto professores dos Departamentos de História e de Geografia de Londrina estavam interessados em assuntos relacionados à Arqueologia, os cursos de

formação promovidos pelo CEPA em Curitiba e as pesquisas arqueológicas em sítios paranaenses se intensificavam, na década de 1960. Nesse contexto, houve diálogo e colaboração entre o professor José Wilson Rauth do Departamento de Antropologia da Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá e os professores Yoshiya Nakagawara, Mário Borges Maciel e Padre Carlos Weiss, da antiga FAFI, algo revelado pelo acesso aos documentos institucionais.

Aqui vale abrir um parêntese e tecer algumas considerações sobre o trabalho do professor José Wilson Rauth na Arqueologia. Além de professor da Faculdade, fez estágio com o professor Wesley Hurt, da Universidade South Dakota, foi pesquisador do CEPA, atuou no Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá e foi membro ativo do PRONAPA, entre 1965-1970, inclusive apresentou os resultados de suas pesquisas nos encontros relacionados ao Programa, citados anteriormente.

Antes mesmo, nos anos de 1950, participou como aluno dos cursos, escavações e reuniões oferecidas pelos professores estrangeiros no CEPA. Em 1958, escavou o Sambaqui do Macedo junto com Wesley Hurt e Oldemar Blasi. Em 1959, integrou a equipe de escavação do sítio José Vieira, conduzida por Anette Laming Emperaire. Também esteve presente nas discussões de termos para a cerâmica brasileira, ocorridas no Museu de Arqueologia e Artes Populares, em Paranaguá, entre os dias 21 e 27 de outubro de 1964 (CECCON, 2011, p. 109; 126).

Ao longo de anos dedicados às pesquisas em sítios arqueológicos litorâneos, algumas das publicações deste professor foram: “O Sambaqui de Saquarema” (1962); “Nota arqueológica sobre a formação de um sambaqui na Ilha das Cobras: observações gerais e um programa de salvamento” (1963); “Nota prévia sobre a escavação do Sambaqui do Gomes S.11.B.” (1964); “Nota prévia sobre a escavação do Sambaqui do Porto Maurício” (1967), “Sambaqui do Gomes S.11.B.” (1968); “Nota prévia sobre a escavação do Sambaqui do Rio São João” (1969); “Nota prévia sobre a escavação arqueológica do Sambaqui do Godo” (1969); “Nota prévia sobre a escavação do Sambaqui do Ramal” (1971); “Cadastramento de sambaquis na Baía de Guaraqueçaba-PR” (1974); “Cadastramento de sambaquis na Ilha do Mel, Baía de Paranaguá-PR” (1974); “Escavação arqueológica no Sambaqui de Guaraguaçu II-S-28” (1974); “Estudos dos sambaquis do estado do Paraná, região da Baía de Guaraqueçaba” (1974); “Nota prévia sobre a escavação do Sambaqui do Rio Jacaré” (1974); “Arqueologia Pré-Histórica” (1976); “Subsídios para a Arqueologia dos Sambaquis” (1976) (OLIVEIRA, 2002, p. 47).

Durante o PRONAPA, José Wilson Rauth dedicou-se ao estudo de depósitos de conchas próximos à antiga baía Nhundiaquara. Foram eles: Porto Maurício, Rio São João, Godo, Ramal e Rio Jacaré, especialmente. Durante as escavações arqueológicas identificou uma variedade de artefatos de indústrias líticas, tanto lascada quanto polida, artefatos ósseos e conchíferos e sepultamentos.

Nesse momento de expressiva atuação e significativa contribuição para as pesquisas arqueológicas no Paraná, o professor José Wilson Rauth ministrou um curso de extensão sobre “Introdução à Arqueologia”, durante cinco dias do mês de março de 1968, nas dependências do Colégio Londrinense. A atividade em Londrina foi promovida pelo “Centro de Estudos Históricos Romário Martins”, grupo do Departamento de História, e contou com a

participação de mais de 200 pessoas dos cursos de Geografia e História. Em ata de reunião ordinária deste último departamento, ocorrida em 24 de agosto de 1968, foi aprovado voto de louvor à Diretoria do Centro pela iniciativa realizada.

Mas o diálogo entre o professor José Wilson Rauth e os professores da FAFI continuou. Pouco mais de um ano depois do seu curso de extensão, em setembro de 1969, ocorreu outra reunião do Departamento de História onde foi lido o ofício da professora Yoshiya Nakagawara, coordenadora do curso de Geografia na época. O documento informou a respeito de quatro bolsas de estudo a alunos da Faculdade para pesquisas de campo com o professor Rauth em Paranaguá, que seriam oferecidas para complementar o curso teórico.

Estes alunos foram citados durante a reunião do dia 11 de outubro de 1969. Foram eles: Edgar Manoel de Azevedo (1º ano), Sebastião Garcia de Souza (1º ano), Terezina Maria da Silva (2º ano) e Flávio V. Sherer (2º ano).

De fato, esta atividade de campo²⁰ aconteceu entre os dias 9 e 31 de outubro de 1969, sob a orientação do professor José Wilson Rauth, no âmbito do PRONAPA, com o apoio do professor Iran Martins Sanches, diretor da FAFI naquele momento, e dos professores dos Departamentos de História e de Geografia. No total, dela participaram seis alunos da Faculdade de Londrina: Helena Maria Okano e Oswaldo Miguel Sana, ambos bolsistas do 4º ano do curso de Geografia e os quatro alunos do curso de História indicados anteriormente (Figuras 2 e 3). Todos receberam bolsa de estudo durante este estágio.

Foto: Acervo pessoal de Helena Maria Okano



Figura 2 – Equipe FAFI, escavação no Sambaqui do Ramal (1969), da esquerda para direita: Flávio, Terezina, Sebastião, Oswaldo, Edgar e Helena

.....
20 A professora Helena Maria Okano indicou que a verba para a pesquisa veio dos Estados Unidos. Muito provavelmente, do Smithsonian Institution, que subsidiou as pesquisas de campo do PRONAPA.



Figura 3 – Alunos da FAFI na “barraca mãe”, escavação no Sambaqui do Ramal (1969)

A escavação no Sambaqui do Ramal, outubro de 1969

Na introdução do relatório de campo produzido por Helena Maria Okano, há os seguintes dizeres:

Agraciados que fomos com uma bolsa de estudos para pesquisas arqueológicas, oferecida pelo professor e grande pesquisador, professor José Wilson Rauth, Catedrático de Antropologia da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá, permanecemos em Paranaguá no período compreendido entre 09-10-69 a 31-10-69, dedicando-nos ativamente na pesquisa de campo, no sítio arqueológico denominado “Sambaqui do Ramal” onde ficamos acampados (OKANO, 1969, p. 2).

Este mesmo documento apontou que a equipe participante foi dividida em duas. A equipe A foi composta por Edgar, Sebastião e Terezina e a equipe B, Flávio, Helena e Oswaldo. Diariamente eram nomeados um assistente de campo e um diretor, prática que proporcionou aos estagiários a direção da pesquisa. As atividades desenvolvidas, sempre acompanhadas pelo professor, contemplaram os estudos de campo, aulas teóricas, elaboração dos diários e documentação da escavação etc.

O Sambaqui do Ramal (antigamente, Sambaqui da Floresta), estava localizado na margem esquerda do rio Jacaré, no município de Morretes, a aproximadamente 30 quilômetros de Paranaguá (Figura 4). Este sítio foi descoberto por Bigarella, entre 1950-1951, e possuía 40 X 35 metros de dimensão, com uma conformação arredondada. O seu entorno era cercado por pirizal e pela Mata Atlântica. Seu nome se deveu a existência do ramal de fios de alta tensão da Companhia Paranaense de Energia (COPEL), conforme anotações de campo de Helena Maria

Okano (Sambaqui do Ramal A, 1969). A escavação deste sítio foi iniciada em 1964, mas por falta de apoio financeiro os trabalhos não foram concluídos (OKANO, 1969, p. 3).

No que se refere aos métodos arqueológicos de campo, os estagiários seguiram as orientações do professor Rauth. Nesse sentido, fizeram a demarcação da área, a escavação por quadrícula, a peneiragem, a separação e o registro dos materiais coletados etc. (Ver Figuras 5, 6 e 7). De acordo com as anotações de Okano (1969, p. 4), os materiais identificados durante as pesquisas foram: material conchífero (fauna malacológica), material ósseo (oito sepultamentos humanos e restos de fauna) e material lítico (machados, raspadores, talhadores, batedores, pontas de flecha, adornos, buris etc.).

Fonte: Helena Maria Okano, 1969 (Acervo SAUEL)

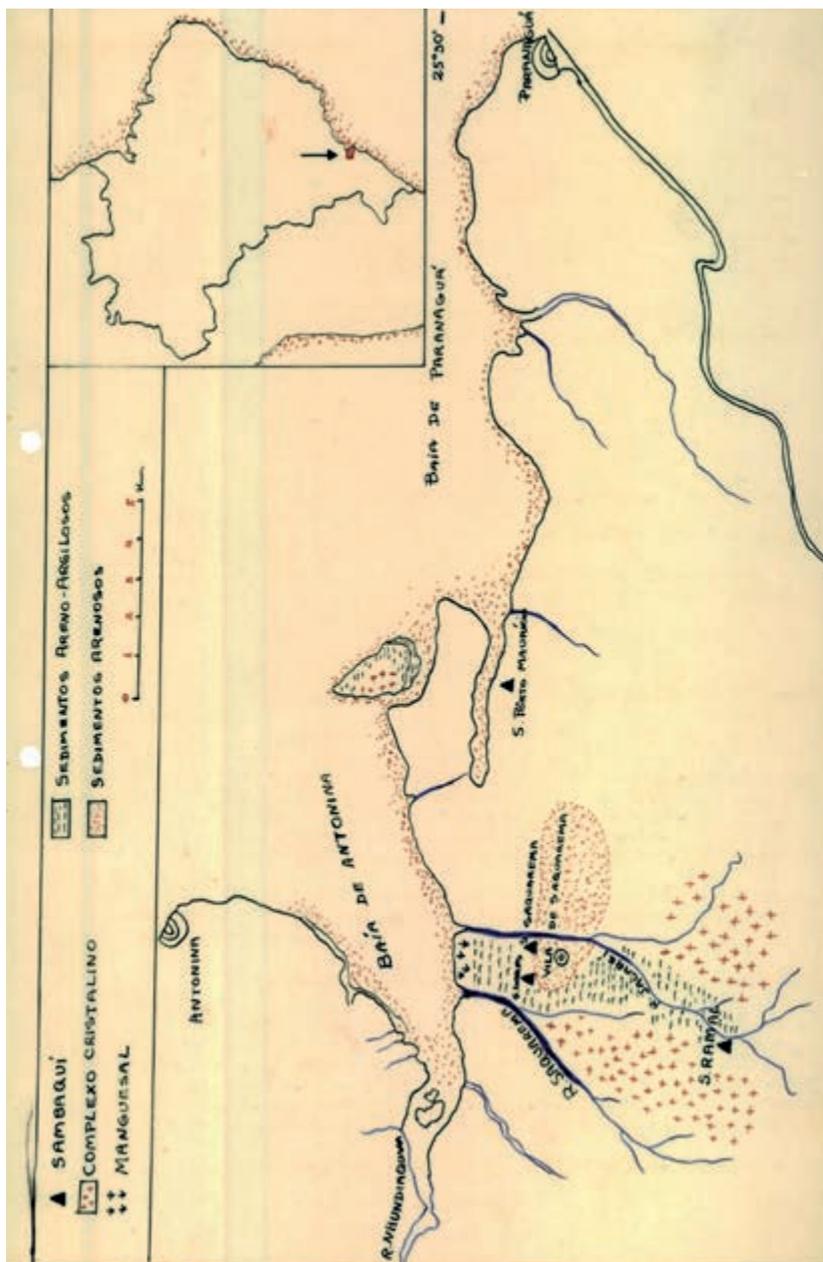


Figura 4 – Mapa de localização do Sambaqui do Ramal e de outros sambaquis. Relatório de atividades realizadas no período de 09 de outubro a 31 de outubro de 1969, de Helena Maria Okano

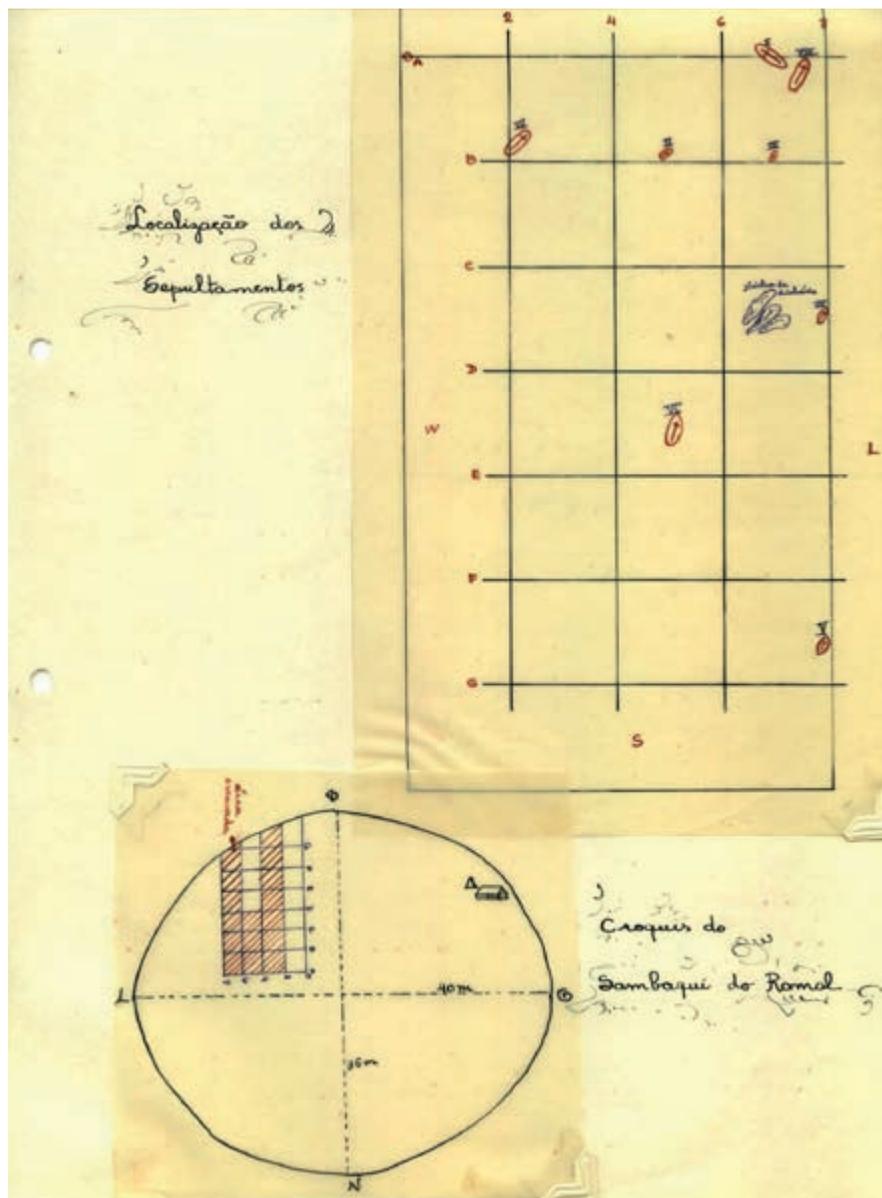


Figura 5 – Croquis do Sambaqui do Ramal. Relatório de atividades realizadas no período de 09 de outubro a 31 de outubro de 1969, de Helena Maria Okano

Foto: Acervo pessoal de Helena Maria Okano



Figura 6 – Alunos da FAFI na escavação no Sambaqui do Ramal com coleta de material (1969)

Foto: Acervo pessoal de Helena Maria Okano



Figura 7 – Aluno da FAFI na escavação no Sambaqui do Ramal com coleta de material (1969)

A descrição diária das atividades revelou que durante o dia eram realizadas as pesquisas de campo e à noite eram feitas outras atividades (Figuras 8, 9 e 10). Nesse sentido, depois das escavações, os bolsistas estudaram outros sítios pesquisados por Rauth, discutiram sobre as variações do nível do oceano, elaboraram desenhos de perfis estratigráficos, estudaram apostilas variadas. Também participaram de aulas teóricas sobre “organização de um projeto”, “prospecção arqueológica”, “sepultamentos humanos”, “classificação dos sambaquis e cultura sambaquiana”, “nomenclatura de material lítico”, “técnica de escavação de um sítio cerâmico”, “desenho de artefatos”, “trabalhos em laboratório” etc.(OKANO, 1969, p. 5-8).

Os alunos de Londrina foram visitados enquanto estavam em campo. Entre os visitantes estavam o diretor da Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá, Sebastião Ferrarini, o professor Romeu Stival e o mineralogista de Paranaguá, Antônio Solon e alunos do 1º ano de História da Faculdade de Paranaguá.

Vale dizer que durante a visita dos alunos de História, ocorrida no dia 19 de outubro de 1969, os estagiários tiveram que fazer algumas explanações sobre conteúdos de Arqueologia e a experiência que vivenciavam. Sendo assim, Sebastião de Souza explanou sobre “técnicas de escavação”, Edgar M. de Azevedo, sobre “fauna malacológica”, Terezina M. da Silva sobre “técnica de peneiragem e recuperação de esqueletos”, Oswaldo M. Sana sobre “comparação entre Paleolítico e Neolítico”, Helena Okano sobre “Datação de sítio através do método C14 e material lítico presente no sambaqui” e Flávio Sherer explicou as atividades que eram desenvolvidas por todos (OKANO, 1969, p. 6).

Os estagiários da FAFI também ficaram responsáveis pela realização de seminários. Ao longo dos dias foram discutidos os seguintes temas: Oswaldo M. Sana tratou sobre “Optimum Climático na América do Norte”, Flávio Sherer sobre “Indígena Americano”, Terezina Silva “Tipos de sambaquis”, “Prospecção e Documentação Arqueológica” e Helena Okano, “O sambaqui de Saquarema”. Outros seminários compararam o material pesquisado com outros sítios: Flávio Sherer, “Material lítico dos diversos sambaquis pesquisados: Saquarema, Porto Maurício, Rio São João, Godo e etc.”, Sebastião de Souza, “Comparação entre o sambaqui do Rio São João e o do Porto Maurício” entre outros (OKANO, 1969, p. 7).

As atividades também incluíram estudo sobre cerâmica, com exame de peças, visita ao sítio arqueológico do Gomes, também escavado por Rauth, aula na Faculdade de Paranaguá sobre “nomenclatura de sítios arqueológicos”, visita ao laboratório do Departamento de Antropologia e ao Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, estudo do material lítico no laboratório da Faculdade e prova oral sobre o trabalho realizado, com arguição de uma hora para cada participante (OKANO, 1969, p. 7-8).

Além destas ações e estudos realizados em campo e em outros espaços, ocorreram também atividades menos formais, como os passeios nas cidades de Paranaguá, quando chegaram, e na cidade de Curitiba, quando retornaram para Londrina. No primeiro deles, os estudantes da FAFI visitaram a casa e conheceram a esposa e os filhos do professor José Wilson Rauth, conforme entrevista concedida pela professora Helena Maria Okano. Depois deste período de vinte e um dias de intensas atividades, a então estudante de Geografia concluiu:

O trabalho “in loco” nos proporcionou uma experiência e um aprendizado incomensurável, pois além de ampliar nossos conhecimentos, abriram nossos horizontes. Não medindo esforços, o professor José W. Rauth deu tudo de si, para que nós nos formássemos pesquisadores, conscientes da importante tarefa que nos reserva;

formação essa não somente intelectual, mas também física e psíquica. (...). Além da prática, nosso estágio foi complementado com aulas teóricas, estudos e pesquisas. Visando uma possível pesquisa num sítio cerâmico, abundantes na região norte do Paraná, fizemos um estudo completo sobre esses sítios, aprendendo desde a técnica de escavação até o estudo e classificação das peças que poderão ser encontradas. Mas nossos estudos não ficaram aí, além disso, aprendemos a registrar as peças arqueológicas num museu (...). Graças a oportunidade que nos foi dada pelo grande pesquisador J. W. Rauth, e com a colaboração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina, que com seu corpo docente compreensivo nos propiciou esse estágio, podemos afirmar que agora sabemos em que consiste uma pesquisa de campo arqueológica e o que é ser “pesquisador” (OKANO, 1969, p. 9).

Vale dizer que os estudos realizados no sambaqui do Ramal foram publicados pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, nos resultados preliminares do quarto ano do PRONAPA, no ano de 1971. Nesta publicação consta o artigo, “Nota prévia sobre a escavação do Sambaqui do Ramal”, de autoria de José Wilson Rauth.

18-16-69	Sambaqui do Ramal		N. DO CATALOGO
N. DO SÍTIO	CONTE	LOCAL DA ESCAVAÇÃO E NOME DO SÍTIO	
DELIMITAÇÃO ATUAL E DESCRIÇÃO DO SÍTIO:			

Quadro B.C.-6.8
Prof: 4m/1,25m

Camada: constituída de "estratos" associados com "modolos" disjuntos
 • calculada C.14.

Mat. sílica: núcleo de quartzo. Essencialmente um talhador artificial.

Mat. ósea: ossos de peixe e dentes de "peixe-bacajá".

Mat. conchilias: ostracos, anelões com sinais de uso.

Foto de dados do Sítio Arqueológico
GABINETE DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ANTHROPOLOGIA
UNIVERSIDADE DO PARANÁ

18.16.69
PESQUISADOR

10/10/69
DATA

ficha de um quadro escavado

UNIVERSIDADE DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE ANTHROPOLOGIA
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ARTES POPULARES
DIVISÃO DE ARQUEOLOGIA

REGISTRO DE PEÇA ARQUEOLÓGICA N.º do Projeto 18-16-69

Número (novel) 25 - A Número antigo -

Tipo da peça Talhador alongado semi-polido

Descrição O artefato confeccionado apresenta um gume muito bem feito através da técnica de polimento. Apresenta um talão largo com evidências de uso em ambas as partes. Na parte superior possui lacunações bilaterais.

Medidas 25 cm de comprimento x 6 cm de largura.

Procedência e data da escavação Sambaqui do Ramal - 10/1969

Tipo de jazida Sambaqui

Estratigrafia -

Ref. bibliográficas -

Fotografado por B. Okano Preenchido por B. Okano Data 10-1969

ficha para registro em museus

Fonte: Helena Maria Okano, 1969 (Acervo SAUEL)

Figura 8 – Documentação de campo, escavação do Sambaqui do Ramal. Relatório de atividades realizadas no período de 09 de outubro a 31 de outubro de 1969, de Helena Maria Okano

Foto: Acervo pessoal de Helena Maria Okano



Figura 9 – Alunos da FAFI em aula teórica com o professor José Wilson Rauth (1969)

Foto: Acervo pessoal de Helena Maria Okano



Figura 10 – Visita de professores e alunos da Faculdade de Paranaguá, Sambaqui do Ramal (1969)

O estágio realizado pelos estudantes de Londrina chegou a ser notícia veiculada em um jornal de Curitiba, em 9 de novembro de 1969. A reportagem, escrita por Jorge Narozniak, apresentou algumas informações sobre os sambaquis do litoral paranaense, anunciou a apresentação destes estudos por Rauth, em Lima, durante 39º Congresso de Americanistas e citou a participação dos seis alunos de Londrina, nas escavações do Sambaqui do Ramal. O texto da reportagem sinalizou perspectivas de futuro:

Acampados em barracas no meio da selva, cozinhando e escavando os sambaquis, os acadêmicos ao mesmo tempo iam tendo aula sobre Arqueologia, principalmente sobre a vida e os costumes dos primitivos habitantes do litoral paranaense. Essa experiência foi realizada graças aos recursos fornecidos pelo Superintendente do Ensino Superior do Paraná, professor Ubiratam Borges de Macedo. Os acadêmicos que concluíram este curso vão retornar agora ao Norte do Estado, onde se dedicarão ao estudo, realizando escavações, dos habitantes primitivos daquela região (Diário do Paraná, Curitiba, domingo, 9 de novembro de 1969, p. 10).

A notícia também foi veiculada pela Folha de Londrina, no dia 28 de novembro de 1969. A reportagem com o título “Estudantes londrinenses descobrem ossadas de 6.000 anos no litoral”, descreveu a experiência como “fascinante”. Ainda destacou,

O material recolhido pelos alunos da Faculdade de Filosofia de Londrina foi encaminhado à escola congênere de Paranaguá, onde o professor Rauth vai realizar uma série de estudos visando descobrir algum detalhe sobre o povo que viveu há milênios em nosso litoral. Posteriormente aos estudos, parte do material será encaminhado à escola londrinense e o resto distribuído entre outras instituições de ensino (...) (Folha de Londrina, 28 de novembro de 1969, p. 16).

Pelo conjunto de documentos reunidos (atas, relatório, anotações em campo, notícias de jornal, entrevistas etc.), foi possível perceber que havia certa expectativa em relação aos alunos, no que diz respeito à continuidade das atividades de Arqueologia no norte do Paraná. Segundo informações concedidas pela professora Helena Maria Okano, depois que retornaram não houve orientação e apoio logístico da FAFI mais contundentes. Mesmo assim, foram realizadas escavações em Sertanópolis, com dois integrantes da equipe que esteve no Sambaqui do Ramal, Sebastião Garcia de Souza e Edgar M. de Azevedo, mas não acompanhadas pelo professor Rauth.

A respeito da reportagem da Folha de Londrina, que comentou sobre o envio posterior de material arqueológico proveniente do Sambaqui do Ramal, não identifiquei nos documentos institucionais alguma informação que esclarecesse se este envio aconteceu ou não. A professora Helena Maria Okano não soube dizer algo a respeito.

O que consegui identificar foi o registro de uma doação, no ano de 1969, do professor José Wilson Rauth ao professor Mário Borges Maciel, de 37 peças arqueológicas provenientes de outros sambaquis do litoral paranaense, também pesquisados por Rauth. Este registro está localizado no “Caderno 1”, primeiro livro de entrada de objetos no Museu Histórico de Londrina (**Anexo 1**).

Neste documento consta que esta coleção de peças arqueológicas foi recebida nas dependências da futura instituição museal em 1969 e foi registrada em 01 de junho de 1970. Porém, não encontrei informações mais específicas sobre a entrada desta coleção na FAFI, uma vez que nem todos os documentos institucionais resistiram ao tempo. Ainda a este respeito, as professoras Yoshiya Nakagawara e Helena Maria Okano afirmaram que o professor Rauth trouxe peças arqueológicas na oportunidade em que esteve em Londrina para ministrar o curso de extensão. Esta informação abre a possibilidade de o professor não ter levado tais peças de volta, ficando estes materiais reservados para compor a futura instituição museal.

Sobre a coleção, foram doados vestígios arqueológicos provenientes de cinco sambaquis escavados, sobretudo, na década de 1960: Sambaqui do Gomes, Sambaqui do Rio São João, Sambaqui de Porto Maurício, Sambaqui Ilha das Cobras e Sambaqui Ilha das Reclusas²¹. Entre os vestígios que foram doados estavam: talhadores, perfuradores, raspadores, trituradores, vértebras de peixes, ossos perfurados, machados, panela de cerâmica, dois crânios e dois esqueletos correspondentes entre outros. Ademais, também foram doadas duas pontas de flechas, provenientes de “South Dakota”, onde Rauth fez estágio.

De acordo com estas informações no livro de registro, é possível supor que o mostruário que contém vestígios de sítio tipo sambaqui (ossadas humanas) foi montado a partir desta doação. Como dito, este mostruário era uma caixa com vários tipos de ossos humanos e algumas conchas. Segundo o professor Ângelo Spoladore, ali estavam ossos humanos de duas pessoas, o que pode sugerir a proveniência do Sambaqui da Ilha das Cobras, uma vez que o registro do Museu indicou que dois crânios e dois esqueletos correspondentes pertenciam a este sítio arqueológico.

Sobre o Sambaqui da Ilha das Cobras, foi pesquisado por José Wilson Rauth em 1963. Rauth descreveu o sítio e afirmou que este monte foi construído sobre um tabuleiro arenoso, limítrofe com as águas de uma pequena enseada que contorna esta ilha. O depósito foi formado por uma espessa camada de ostras, de 60 cm. Neste local foram identificados talhadores e pontas de projéteis líticas muito semelhantes as do rio Jacaré (RAUTH, 1974, p. 101). Beber (2004) a partir da publicação original de Rauth, “Notas Arqueológicas sobre uma formação de um Sambaqui na Ilha das Cobras” (1963), descreveu este sítio da seguinte forma:

O Sambaqui da Ilha das Cobras, o qual está localizado na Baía de Paranaguá, Estado do Paraná, possui 70 cm de altura e aproximadamente 30 m de comprimento, no sentido norte-sul. Quanto à sua largura, esta não foi definida. Sobre a composição do sedimento desse sítio, percebeu-se *Ostrea sp*, cinzas e carvão. Foi identificado ainda uma grande quantidade de ossos de peixe e várias vértebras, sendo algumas delas trabalhadas com perfurações ao centro. O material arqueológico está situado até os 70 cm de profundidade, encontrando-se artefatos líticos, compostos por moedores, raspadores, pontas e talhadores, tendo como matéria-prima preferencial o diabásio. Ocorre ainda uma peça em andesito. A cerâmica, encontrada até os 20 cm de profundidade, pode ter cor preta, cinza clara ou vermelha. A superfície apresenta-se alisada em ambas as faces e alguns fragmentos apresentam polimento

.....
21 Sobre este último sítio na “Ilha das Reclusas” não encontrei nenhuma publicação e/ou indicação em trabalhos sobre sambaquis do litoral paranaense.

externo. A forma é globular com a borda voltada para fora. A espessura não ultrapassa os 10 mm (BEBER, 2004, p. 78-79).

Ambas as descrições (Rauth, 1963; Beber, 2004) não indicaram a presença de vestígios humanos no Sambaqui Ilha das Cobras. No entanto, ao que tudo indica, Rauth deu continuidade à pesquisa arqueológica neste sítio depois de 1963. Esta informação ampara-se na identificação de uma ficha original de registro de peça arqueológica da Divisão de Arqueologia do Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá. Tal documento foi encontrado no acervo do Museu Histórico de Londrina e apresentou as seguintes informações:

(...) Número: 23-24 (...)

Tipo de peça: esqueleto, conjunto de ossos de um ser humano, coletado na Ilha das Cobras, crâneo acompanha (...).

(...) Procedência e data da escavação: Ilha das Cobras, 1966.

Tipo de jazida: sambaqui misto.

Estratigrafia: sambaqui misto.

Ref. Bibliográficas: W. Rauth.

Fotografado por: W. Rauth (...).

Estas informações complementam as que estão indicadas no Anexo 1 deste artigo: os dois crânios foram registrados no Museu Histórico de Londrina com os números 21 e 22 e as assadas correspondentes com os números 23 e 24. E, como não há outros vestígios humanos no acervo desta instituição, muito provavelmente os vestígios que compõem o mostruário de sambaqui foram escavados em 1966, foram recebidos em 1969 e registrados em 01 de junho de 1970, antes mesmo da inauguração oficial do MHL.

Depois destes registros no livro do Museu (relação de objetos doados por Wilson Rauth e ficha de registro de peça arqueológica), identifiquei um ofício de 1973 (Ofício 14/73), assinado por Rauth e expedido pela Faculdade de Paranaguá. Neste documento, Rauth disse que recebeu um cartão de Weiss, que acusava o recebimento de peças arqueológicas no Museu de Londrina. Ainda, sinalizou que talvez fosse possível mandar mais algumas peças para enriquecer a coleção material da instituição e desejou ao diretor felicidades nesta “magnífica empreitada cultural”.

No entanto, não há mais referências de outros objetos que tenham sido doados pelo Departamento de Antropologia da Faculdade de Paranaguá, na década de 1970. Nesse sentido, ou ambos os professores ainda falavam sobre a doação de 1969 ou falavam de uma nova doação (talvez a dos vestígios arqueológicos do Sambaqui do Ramal?), cujo material não foi identificado na coleção atual do MHL, questão esta que fica em aberto.

Revendo a trajetória do mostruário

Em linhas gerais, o que consegui identificar com esta pesquisa é que as ossadas humanas que compõem o mostruário podem ser provenientes do Sambaqui da Ilha das Cobras, escavado na década de 1960, momento em que outros importantes sítios do litoral também eram pesquisados e que o ensino e a proteção do patrimônio arqueológico havia se expandido no Paraná consideravelmente. Mas como não tive acesso à publicação original que apresentou o trabalho de escavação e detalhes sobre os materiais identificados, deixo em aberto esta procedência.

Alguns anos depois, estes vestígios foram integrados a uma pequena coleção de peças arqueológicas e doados pelo professor José Wilson Rauth ao professor Mário Borges Maciel, que por sua vez doou ao Museu que estava sendo formado, com vocação principal voltada às histórias local e regional. Em paralelo a esta doação, os professores dos Departamentos de História e de Geografia da FAFI estavam articulados e tinham interesse em entrar na discussão sobre a ocupação humana e a Arqueologia no Paraná. Por esse motivo, houve a realização do curso de extensão e o apoio ao estágio dos alunos de ambos os departamentos, sendo esta atividade complementar aos estudos teóricos proporcionados pelo arqueólogo José Wilson Rauth.

O mostruário ficou em posse do MHL entre os anos de 1970-1998, quando foi repassado ao Departamento de Geociências da UEL, junto a uma coleção de vestígios das Ciências Naturais. Tal doação ocorreu em um período de desinteresse da primeira instituição, no que se refere às discussões sobre grupos indígenas pré-coloniais. Durante o tempo em que esteve neste departamento não foi utilizado porque destoava do restante do acervo desta instituição.

Em 2015, quando realizei a visita técnica ao Museu de Geologia e Pedologia da UEL, consultei o professor Ângelo Spoladore e a curadora do MHL, Regina Célia Alegro, sobre a possível devolução da peça ao Museu Histórico de Londrina. Ambos os professores acharam pertinente este “repatriamento” e colaboraram na realização deste processo.

Em ofício expedido pelo MHL (OF. M. Nº 032/15) e endereçado ao Departamento de Geociências, a instituição apresentou interesse em estimular a produção e a socialização do conhecimento arqueológico sobre o Paraná, reconheceu que a devolução da peça estava amparada nas perspectivas vocacionais da instituição, desde sua formação inicial na década de 1970, e ressaltou que a peça tinha apelo científico, cultural e educacional.

Em resposta ao ofício, o professor Edson Archela, chefe do Departamento de Geociências, em entendimento com o professor Ângelo Spoladore, considerou que a devolução era pertinente e que seria mais proveitoso para pesquisa e mostras à comunidade se a peça estivesse no MHL. Com o acordo de ambas as partes, a devolução foi realizada. Já no Museu Histórico, tais vestígios foram utilizados para retratar os sambaquis do litoral paranaense durante um curso de extensão sobre “Arqueologia, Museus e Memórias Indígenas”, ministrado pela autora deste artigo para alunos do curso de Especialização em Patrimônio e História da UEL, durante a 9ª Primavera de Museus, em outubro de 2015.

Considerações finais

Neste texto apresentei uma síntese sobre a Arqueologia no Paraná, do final do século XIX até meados da década de 1970. Tratei também das perspectivas institucionais relacionadas à Arqueologia nos departamentos de História e de Geografia da FAFI, durante a década de 1960, e da trajetória do mostruário com vestígios de sítio tipo sambaqui, especialmente quando assumiu o status “museal”.

A priori, a questão principal seria rever a trajetória material dos vestígios arqueológicos que compõem o mostruário. No entanto, o desenvolvimento da pesquisa levou a outras descobertas. A mais surpreendente delas: a doação dos vestígios arqueológicos estava articulada a um contexto acadêmico mais amplo, vivenciado na década de 1960, onde docentes e discentes dos departamentos de História e de Geografia, atentos ao desenvolvimento do ensino de Arqueologia na universidade e ao crescimento exponencial de pesquisas arqueológicas no estado do Paraná, se articularam, promoveram, apoiaram e participaram de atividades de extensão que visaram o preparo e a formação de alunos para a realização de pesquisas arqueológicas no norte

do estado, projeto este que perdeu força.

Finalizo este texto reconhecendo que muitas novas questões sobre a história da Arqueologia no Paraná e a participação de Londrina neste processo ainda precisam ser elucidadas. Hoje, no entanto, tenho mais perguntas do que respostas.

Agradecimentos

Agradeço à prof.^a Dr.^a Regina Célia Alegro pelo espaço concedido, bem como à equipe do Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, especialmente à Rosângela Ricieri Haddad, Amauri Ramos da Silva e Rui Cabral; ao pesquisador Dr. Edson Holtz Leme e à Cristina Gaspar Rodrigues e Cristiane Moura, do Sistema de Arquivos da UEL (SAUEL); ao professor Dr. Ângelo Spoladore, à professora Dr.^a Yoshiya Nakagawara, à professora Helena Maria Okano pela concessão dos documentos e entrevistas; ao arqueólogo do MAE-UFPR, Sady Pereira do Carmo Júnior, e ao amigo Gilberto da Silva Francisco. Agradeço, ainda, à Marília Xavier Cury, supervisora de pós-doutorado no MAE-USP, e à FAPESP pelo apoio financeiro à pesquisa em andamento.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias

Diários de classe dos Cursos de Geografia e de História, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina, 1968. Acervo SAUEL.

Livro de Registro de Certificados, nº 1, do Centro de Estudos Históricos “Romário Martins”, 1968. Acervo SAUEL.

Livro de Atas, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina, 1963-1968. Acervo SAUEL.

Livro de Atas, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina, 1969-1975. Acervo SAUEL.

Relatório Anual do Departamento de Geografia, 18 de dezembro de 1969. Acervo SAUEL.

Ofício n.º 14/73, Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá, 1973. Acervo MHL.

Ofício M. n.º 22/98, Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, 1998. Acervo MHL.

Ofício M. n.º 032/15, Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, 1998. Acervo MHL.

Anotações de campo, certificados dos cursos de extensão e fotos do acervo pessoal de Helena Maria Okano, outubro de 1969.

Reportagem “Eles cavam 6 mil anos de História”, Jornal Diário do Paraná, Curitiba, domingo, 9 de novembro de 1969, p. 10.

Reportagem “Estudantes londrinenses descobrem ossadas de 6.000 anos no litoral”, Jornal Folha de Londrina, 28 de novembro de 1969, p. 16.

“Caderno 1”, livro de entrada de objetos no Museu Histórico de Londrina, 1970-1976, p. 1. Acervo MHL.

Fontes secundárias

ALVES, Cláudia; LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. A cerâmica pré-histórica brasileira: novas perspectivas analíticas. **Clio**. Arq. Recife. Volume 1, n.º 7, 1991, p. 11-60.

BEBER, Marcus Vinícius. **O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé**. Tese (Doutorado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

BIGARELLA, João José. Depoimento. Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de nascimento do Prof. Dr. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). **Arqueologia**. Número especial. Volume 3, 2005, p. 19-30.

BLASI, Oldemar. Depoimento. Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de nascimento do Prof. Dr. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). **Arqueologia**. Número especial. Volume 3, 2005, p. 37-46.

BLASI, Oldemar. Memória fragmentada sobre a Arqueologia no Paraná, nas décadas de 1940, 50 e 60. Anais do Seminário Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira. **Arqueologia**. Número especial. Volume 4, 2007, p. 57-68.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças. **Cadernos da Sociomuseologia**, nº 17, 1999, p. 35-151.

CECCON, Roseli Santos. **Em busca de uma “arqueologia brasileira”: Universidade do Paraná, décadas de 1950 a 1970**. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CHMYZ, Igor. As comemorações do cinquentenário de Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná – CEP/UFPR (1956-2006). Anais do Seminário Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira. **Arqueologia**. Número especial. Volume 4, 2007, p. 1-30.

FERNANDES, Tatiana da Costa. **Vamos criar um sentimento!? Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Teorias Antropológicas e Objetos Materiais. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007, p. 13-42. Disponível no site http://nau.ufsc.br/files/2010/09/antropologia_dos_objetos_V41.pdf. Acesso em fevereiro de 2016.

HILDEBRANDO, Gilberto. **O Museu e a Escola: memórias e histórias em uma cidade de formação recente – Londrina-PR**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

KOPYTOFF, Igor. “The cultural biography of things: commoditization as process”. APPADURAI, Arjun. **The Social Life of Things: Commodity in Cultural Perspective**. Cambridge, Cambridge University Press, 1986, p. 64-91.

LEME, Edson José Holtz. **O teatro da memória: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000**. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, 2013. LIMA, Leilane Patricia de. **A Arqueologia e os indígenas na escola: um estudo de caso em Londrina-PR**. Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MARANHÃO, Maria Fernanda Campelo. **Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kozak e as Ciências Sociais no Paraná**. Especialização (Monografia em História e Geografia do Paraná), Faculdade Padre João Bagozzi, Curitiba, 2006.

MEGGERS, Betty J. A contribuição do Brasil à interpretação da linguagem da cerâmica. Anais do Seminário Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira. **Arqueologia**. Número especial. Volume 4, 2007, p. 31-53.

MONTICELLI, Gislene. **Arqueologia em obras de engenharia no Brasil: uma crítica aos contextos**. Tese (Doutorado Internacional em Arqueologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Rio Grande do Sul, 2005.

NOELLI, Francisco Silva. **A ocupação humana na região Sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas (1872-2000)**. Revista USP, São Paulo, número 44, 1999-2000, p. 218-269.

OKANO, Helena Maria. **Relatório de atividades realizadas no período de 09 de outubro a 31 de outubro de 1969**. Pesquisa de campo arqueológico, 1969, p. 1-9.

OLIVEIRA, Josilene Aparecida. **História da Arqueologia Paranaense: um balanço da produção arqueológica ano Paraná no período de 1876 – 2001**. Dissertação (Mestrado em História Social), Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.

PARELLADA, Cláudia Inês. **Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, Trecho X, Paraná**. Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

POMPEU, Filipi. **Cronologia e práticas funerárias em sambaquis dos estados do Paraná e Santa Catarina (4951-2850 AP)**. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.

RAUTH, José Wilson. Nota prévia sobre a escavação do rio Jacaré. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, Resultados preliminares do quinto ano, 1969-70. **Publicações Avulsas**, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, n.26, 1974, p. 91-104.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. A Era dos Museus de Etnografia no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do século XIX. FIGUEIREDO, Betânia, VIDAL, Diana. **Museus: dos gabinetes de curiosidades ao museu moderno**. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p. 113-136.

TAMANINI, Elizabete. Museu, Arqueologia e o público: um olhar necessário. FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org.). **Cultura material e arqueologia histórica**. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 179-220.

Anexo 1 – Registro do Caderno 1 – Museu Histórico de Londrina

História, Arqueologia, Vida Rural, Vida Urbana

I – Relação dos objetos enviados pelo professor Wilson Rauth da Faculdade de Filosofia etc. de Paranaguá ao professor Mário Borges Maciel da Cadeira de Antropologia Cultural desta Faculdade de Filosofia etc. de Londrina e por este cedidas ao Museu Histórico Geográfico – como visava de domínio para sua cadeira.

a) Proveniente do Sambaqui do Gomes

Maxilar N°	20
Peça de (...)	70
Concha de crosta, perfurada	367
Moedor, de pedra	10
Pedra trabalhada	8
Machado, de pedra	3
Picão, de pedra	5
Idem Id	80
Idem Id	196
Polidor, de pedra	40
Idem Id	76
Osso perfurado (52) G	75

b) Proveniente do Sambaqui do R. São João

Furador, de pedra N°	17
Talhador, idem	9
Moedor, idem	63
Raspador, idem	136
Idem, id	186
Idem, id	130
Idem, id	29
Idem, id	185
Lâmina, de pedra	42
Raspador, id	51
Triturador, id	12
(...), id	139
Perfurador, Id	200
Idem, id	124
Talhador, Id	201
Idem, Id	202

c) Proveniente do Sambaqui de Pôrto Maurício

Vértebras de peixe p/ colar (duas peças)	
N°	59 e 125

d) Proveniente do Sambaqui da I. das Cobras

Crâneo N°	21
Idem	22
Esqueleto correspondente	23 e 24

e) Proveniente da Ilha das Reclusas

Panela de barro N°	53
--------------------	----

f) Proveniente da E.M.A (South Dakota)

Ponta de flecha (50) N°	875
Ponta de flecha	11

Um total de 37 peças enumeradas e fichadas. Recebidas em 1969, registradas em 01 de junho de 1970.

4. ENTREVISTA

4.1. Helena Maria Okano

Foto: Pedro Henrique Cezar



Helena Maria Okano nasceu em Londrina, em 1948, numa família de professores. Escolheu estudar Geografia na antiga Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras. Vivenciou a rotina universitária à época da fundação da UEL e as origens do Museu Histórico de Londrina. Como estudante participou de cursos e de escavação orientada pelo professor José Wilson Rauth, personagem importante na história da Arqueologia no Paraná e no Brasil, um dos primeiros arqueólogos profissionais do Brasil.

Trechos da Entrevista

“Fiz o magistério no IEEL, depois fiz o curso de Geografia e, no final do curso já era uma profissional, tinha passado no concurso estadual para lecionar no primário e depois, assim que acabei a faculdade em 69, fui para o ensino secundário. Depois eu fiz uma especialização com a professora Yoshiya Nakagawara Ferreira, em Geografia Regional. E aí, assim que eu me formei na faculdade teve o concurso e me tornei docente na própria Faculdade de Filosofia, não era Universidade Estadual ainda.”

“Como no final do curso da graduação tive a oportunidade de fazer esse estágio de Antropologia, eu fiz o concurso e me tornei professora de Antropologia. Trabalhei na Faculdade de Filosofia até 1973, então havia me casado, tive um bebê e tive que parar”.

“Eu lembro que nós tínhamos um professor, padre Carlos Weiss, o professor Olympio Westphalen, de História, o próprio diretor, o professor Iran Martins Sanches, e da nossa parte, Geografia, a Yoshiya e o professor Nestor, que dava aula de Ecologia. E eles estimulavam muito a pesquisa, a pesquisa de campo, levavam a gente pra fazer aula em campo. Eu acho que graças a esses professores, a gente fazia muito curso de extensão! [...] Traziam professores da USP, principalmente pra enriquecer o conteúdo ensinado pela própria faculdade.”

“E veio, da Faculdade de Paranaguá, o professor Rauth, que era ligado ao Bigarella, de Curitiba, e estimulou a gente pra criar um museu. Nós tínhamos um porão, na época, no Colégio Hugo Simas. Então a parte da Faculdade, secretaria ficava em cima, tinha umas salas de aula e embaixo era um depósito onde ficava alguma coisa que quebra, algum arquivo-morto, ficavam lá... Aí ganharam um carroção também, histórico, um carroção de boi, ficou lá embaixo, no porão. E aí a nossa turma resolveu fazer um mutirão e fazer uma limpeza e começar aquilo que seria a origem do Museu. Limpamos a área e começamos a classificar. A Zuleika Scalassara e a Conceição Aparecida Duarte Geraldo, trabalhava com a gente nessa época, a Zuleika era funcionária da Faculdade. E, com isso, o diretor, professor Iran, dava carta branca pra gente fazer essas atividades.”

“Muitos alunos, colegas meus, vinham de Sertanópolis, que tem sítio arqueológico, cerâmicos. Então eles também traziam essa experiência das urnas funerárias que algum agricultor tinha encontrado lá, o que despertou o interesse pela pesquisa arqueológica.”

“[...] o professor Rauth fez o curso de extensão no ano de 1968, e trouxe algumas peças pra estimular, pra despertar interesse, falou muito das pesquisas de campo que ele já fazia no Saquarema, citou o sítio de Gomes, o sambaqui de Gomes... e aí ele lançou como um desafio: ‘Eh, Londrina? Vocês vão ficar aí, só na teoria ou vão arregaçar as mangas pra fazer alguma coisa mais concreta de pesquisa?’”

“A realização do curso de extensão para essa experiência em campo foi de mais ou menos um ano e pouquinho pra conseguirmos ir até o campo participar com o professor Rauth. [...] precisou liberar a verba [do exterior], porque o professor Rauth tinha uma conexão com os Estados Unidos. Então ele estava esperando uma liberação direta de lá, assim, de maior aporte. Aí, demorou por causa disso. Quando saiu, a gente já foi. Porque ele tava, assim, começando a fazer a pesquisa do sambaqui do Ramal e ele estava ansioso pra fazer um paralelo com as outras pesquisas que já tinha concretizado.”

“Pra começar, tivemos que montar a própria barraca, os rapazes chegaram, montaram a barraca-mãe, maior, pra guardar os instrumentos e ser o palco de aulas, com quadro e, o lugar que a gente tomaria as refeições e tudo. E depois a barraca menor pras moças, porque os rapazes ficavam na barraca-mãe, como a gente dizia. E aí, é, o professor que determinava, porque a gente teve que aprender fazer os croquis do campo, passar os cadarços pra delimitar, numerar todo o campo pra, depois, cada achado ser localizado na camada de profundidade, localização. E tudo isso ele foi ensinando. Como é que tinha que peneirar os resíduos pra não perder nenhum achado arqueológico. É, e pente fino. Na carriola ficavam os rapazes que escavavam, jogavam a pá no carrinho e eu e a Terezina ficávamos ali, com pazinha menor, peneira, pra procurar os achados. [...] à noite, geralmente, ou quando chovia, [...] ele dava aula teórica”.

“Cria, cria um afeto com aquela civilização que foi irmã da gente no tempo. E era montanha de concha. Dizem, cálculos assim, de 50, 60 pessoas moraram ali. Então era muita, muita conchada mesmo, sabe? Muita conchada.”

[Sobre o professor Rauth] “Eu tenho uma imagem dele de muita seriedade no que fazia, sabe? Uma pessoa que não brincava em serviço. Porque não me lembro dele fazendo gracejos desrespeitosos com alguma coisa que a gente às vezes aprontava ali, sabe? Sempre aula. Sempre naquela postura de professor mesmo”.

“Olha, enquanto o padre Weiss estava, e o professor Olympio, a arqueologia continuou sendo estimulada, a gente sempre ouvia falar que trouxeram novas peças lá pro museu-porão, e o pessoal tava querendo fazer essa atividade de pesquisa lá em Sertanópolis [...] estavam negociando com fazendeiro, porque, não é assim, não foi tombado o sítio, você também não pode chegar à terra do outro e sair pesquisando, então estava em negociação a licença pra fazer essa pesquisa. E foi nesse tempo que eu me afastei com essa turma da História e não soube depois como é que eles continuaram.”

“O padre Carlos Weiss e o professor José Wilson Rauth tinham um bom relacionamento entre si. Professor Maciel também”.

“É, a gente escutou que, que o professor Rauth fazia doações. É, chegaram a comentar que ele tinha trazido, mas ainda não tinham exposto, e a gente achou que seria porque quando ele veio dar o curso trouxe algumas peças, mas não essas do sepultamento.”

5. ASAM

5.1. Decreto 8.124/13

Publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 18 de outubro de 2013, o decreto presidencial nº 8.124, de 17 de outubro de 2013, veio regulamentar a Lei 11.904/2009, denominada Estatuto de Museus, e a Lei 11.906/2009, de criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) – autarquia vinculada ao Ministério da Cultura (MinC).

Com a finalidade de preservação do patrimônio cultural musealizado e passível de musealização, o decreto coloca para o setor uma série de ações e procedimentos que devem ser seguidos e confere ao Ibram ações de fiscalização.

A ação fiscalizadora tem um caráter pedagógico e orientador e conduzirá a adequação do setor às normas previstas no decreto, no sentido de garantir um padrão de gestão para que os museus possam cumprir a sua função social.

A Política Nacional de Museus (PNM) insere o Brasil dentre os poucos países que formularam e mantêm uma política pública de museus, o que confirma a importância dada pelo governo brasileiro para as mais de 3,2 mil instituições museológicas em todo o território nacional.

No próximo número continuaremos apresentando os destaques do Decreto 8.124/13

Fonte: Portal do Instituto Brasileiro de Museus

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;

- Título
- Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
- Resumo - máximo 50 palavras;
- Palavras-chave até 6 palavras;
- Texto não deve ultrapassar 5 laudas (Word for Windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm);
- Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
- Deverão ser apresentados em CD e encaminhar 2 cópias impressas fiéis ao suporte eletrônico.

2. Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.

3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.

4. Nome completo do autor(es) e constar nas referências.

5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital jpeg, no mínimo, 300 dpi de resolução, tamanho 10x15cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto e gravadas em CD. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

Contato Museu Histórico de Londrina
Fone: (43) 3323-0082 | bibmuseum@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Curadoria

Profª Drª Regina Célia Alegro

Secretaria

Cesar Augusto de Poli

Auxiliares Operacionais

Ailton Alves Marcelino

Alex Pereira

Neiva Lemes Albrecht Batista

Vanessa Andréia Borela Ferreira

Ação Educativa

Regina Célia Alegro

Edeni Ramos Vilela

Biblioteca e Documentação

Rosangela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Comunicação Social

Barbara Daher Belinati

Imagem e Som

Célia Rodrigues de Oliveira

Rui Cabral

Objetos Tridimensionais

Auxiliar: Amauri Ramos da Silva

Estagiários

Amanda Cristina Martins do Nascimento | Aryane Kovacs Fernandes

Cristiano Aparecido do Nascimento | Ellen Kiwa Duarte Tsujioka

Eurípedes Simões de Paula Junior | Fabíola Ferro da Silva

Felipe Augusto Lemes de Oliveria | Felipe de Almeida Neto | Flávio Alfredo Martins

Gabriela Vasconcelos Torres | Gisele da Silva Oliveira | Guilherme Lopes de Jesus

Jaqueline dos Santos | João Estevan Oliveira Perini | Juliana Souza Belasqui

Kawanni dos Santos Goncalves | Laura Caroline de Almeida | Laura Zechini Dos Anjos

Leonardo Augusto de Lima Silva | Leonardo Rosa Mantovani | Luana Rennó Vinicius

Lucas Gabriel da Mata | Marcos Vinicius Gehring Palladino de Oliveira

Matheus de Freitas Figueiredo | Matheus Silva Dallaqua | Osvaldo Fiorato Junior

Pedro Henrique Cezar | Ritielly Gouvea Melo | Thiago Machado Garcia

Museu Histórico de Londrina

Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro, Londrina - PR

CEP 86010-350 | Tel (43) 3323-0082 | museu@uel.br



Exposição "Do quebra canela ao tubarão: Memórias do futebol londrinense"



Exposição "Do quebra canela ao tubarão: Memórias do futebol londrinense"



Semana do Café



Semana do Café



Dia Mundial do Fusca



Seminário Culturas Indígenas e Patrimônios Museológicos no Norte do Paraná

Realização



Universidade
Estadual de Londrina



MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA

FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA
Apelo às Diversificações Científicas
& Tecnológicas do Paraná

